



Poços de Caldas

# Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 1-2 JUN 2017

## SOBRE AS NOÇÕES DE SEMELHANÇA E DESSEMELHANÇA NA DEFINIÇÃO DA HUMANIDADE INDÍGENA: UM ESTUDO A PARTIR DE UM TEXTO JESUÍTICO DO SÉCULO XVI<sup>1</sup>

**Autor:** Marcos Roberto de Faria – Universidade Federal de Alfenas, [marcosfaria07@yahoo.com.br](mailto:marcosfaria07@yahoo.com.br)

**Eixo temático:** 3. Educação e Diversidade

### Resumo:

Especificar as representações de semelhança e dessemelhança utilizadas para definir a humanidade dos índios nos textos jesuíticos do século XVI é o objetivo central do presente trabalho. Para tanto, tomo como fonte de pesquisa, o *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio* de Manuel da Nóbrega. O texto privilegia, ainda, a análise de autores que discutem o tema proposto sob uma perspectiva crítica e, sobretudo, não-anacrônica. Faz-se, por conseguinte, um cruzamento da análise desses autores com o texto jesuítico. Com isso, pôde-se concluir que as representações a respeito da humanidade indígena presentes nos textos jesuíticos precisam ser relidas à luz do sujeito da enunciação das fontes: neste caso, o padre, que interpreta o mundo sob a ótica católica. Isso, por fim, constitui-se no fundamento histórico para a discussão das noções de diferença, de diversidade e do conhecimento do outro, essenciais para o campo da educação.

**Palavras-chave:** História da Educação no Brasil; humanidade dos índios; alteridade.

### Introdução:

O texto que se segue almeja apresentar uma proposta de visita à América portuguesa do século XVI e pretende discutir as categorias que distinguem a humanidade de seus primeiros habitantes. Nessa direção, o texto objetiva ir às raízes da discussão a respeito da chamada “formação da alma brasileira” (GAMBINI, 2000) e, por conseguinte, trazer algumas reflexões históricas a respeito da discussão de conceitos ligados às reflexões sobre a diferença e do conhecimento do outro na formação da cultura no Brasil. Para tanto, tomo como fonte de pesquisa um material importante para entender e conhecer essa terra recém-descoberta e suas representações simbólicas: os textos jesuíticos. Para delimitar o material de pesquisa, escolhi um texto fundante para esta discussão: o *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio*, de 1556, do padre Manuel da Nóbrega, primeiro provincial do Brasil.

A partir da leitura e análise dessa fonte, algumas questões me pareceram pertinentes e se apresentam como o problema desse trabalho, quais sejam: *Em que categorias se fundamentam as discussões a respeito da humanidade dos índios? Que espécie de representações de semelhança e dessemelhança estão presentes no Diálogo de Manuel da Nóbrega?* Concentrar sobre essas questões, a meu ver, é um importante caminho para oferecer uma contribuição na direção de pensar essa problemática no âmbito das discussões a respeito da diferença e das implicações relativas à alteridade para o campo da educação.

---

<sup>1</sup> Texto produzido a partir de dissertação de mestrado do autor, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação: História, Política, Sociedade da PUC/SP.



## Desenvolvimento

De acordo com Michel de Certeau (1982), em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Para ele, por conseguinte, quando se é historiador, que fazer senão desafiar o acaso, propor razões, compreender? Mas compreender não é fugir para a ideologia, nem dar um pseudônimo ao que permanece oculto. É encontrar na própria informação histórica o que a tornará pensável (CERTEAU, 1982).

Já para Skinner (1996), a historiografia recente chegou, com razão, ao lugar-comum de que, se se tem em mira compreender sociedades anteriores à atual, precisa-se recuperar suas *mentalités* de dentro, da forma mais empática possível (SKINNER, 1996).

Nesse sentido, a fim de circunscrever o problema de pesquisa dentro do quadro de um referencial teórico que possa explicá-lo, quero destacar a análise de alguns autores que, sob uma perspectiva crítica, fazem uso dos textos jesuíticos e deles recuperam as “*mentalités*” de dentro das condições da América portuguesa do século XVI, a fim de melhor explicitar o problema de pesquisa acima referido.

Atente-se, nesse sentido, para as assertivas de Lévi-Strauss (1989), que para falar do valor eminente da etnologia cita Rousseau (1783, cap. VIII) para o qual “Quando se quer estudar os homens, é preciso olhar para perto de si; mas, para estudar o homem, é preciso aprender a dirigir a vista para longe; é preciso primeiro observar as diferenças para descobrir as propriedades” (*Apud* LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 275). Para Lévi-Strauss, por conseguinte, “a verdade do homem reside no sistema de suas diferenças e de suas propriedades comuns” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 277).

Luiz Felipe Baeta Neves (1978), explicita a questão da semelhança e da dessemelhança em seu texto. Para ele, a “descoberta” de novas terras não seria o achamento de uma Alteridade Total, de um Outro, e sim um reencontro com regiões de Si de que se teria afastado física e espiritualmente. A “descoberta” era um conhecimento das partes até então ocultas, de um mesmo mapa já há muito desenhado por uma só mão (BAETA NEVES, 1978).

Para o autor, o gentio não tinha nada que ver com qualquer elemento cultural que povoasse mesmo os pesadelos já familiares aos europeus. O gentio não podia ser comparado, nem por sua “aparência exterior” nem pelos “feitos” de sua alma, aos padrões já conhecidos pela cristandade europeia. “Não reconhecendo caracteres nem culturais nem corporais, mas suposto que são homens e semelhantes, a ideologia da catequese procura um ponto do qual se aproxime o gentio” (BAETA NEVES, 1978, p. 50).

A fim de avançar um pouco mais a explanação da discussão, destaco agora a definição de pessoa humana presente no *Diálogo sobre a conversão do Gentio*, pois nele aparecem as três faculdades que então definem neo-escolasticamente a unidade da alma da pessoa humana: a memória, a vontade e a inteligência (HANSEN, 2002).

De acordo com Luz (2003), os gentios aparecem desenhados no *Diálogo* a partir da imagem de “cães e porcos”, numa alusão ao Evangelho de São Mateus (Cap. 7,6): “Não deis o santo aos cães, nem deiteis as pedras preciosas aos porcos”. O diálogo se dá entre Matheus Nogueira e Gonçalo Alves. Nogueira defende



a possibilidade de conversão do índio e Alves se apresenta relutante em reconhecer o nativo como capaz ou como “próximo”. (LUZ, 2003).

A metáfora do índio como “cães e porcos” – seres inconstantes, bestiais, rudes, brutos, ingratos – leva os missionários, como Gonçalo Alves, a supor que pregar a eles é como semear as sementes do Evangelho sobre as pedras de um deserto, ou seja, não poderia frutificar. Veja-se o texto:

Gonçalo Alves: - Por demais hé<sup>2</sup>trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, hé pregar em deserto ha pedras (NÓBREGA, 1931, p. 229).

Os problemas não param por aí. Segundo Alves, há ainda uma dificuldade que se apresenta como a maior de todas: a inconstância. Acompanhe-se:

Sabeis qual é a mórdificuldade, que lhes acho, serem tão faceis de dizerem a tudo *síou pá* ou como vós quizerdes, tudo approvam logo, e com a mesma facilidade, com que dizem *pá*, dizem *aani*, e se algumas vezes chamados dizem *neim tia* é pelos não importunardes, e mostra-o bem a obra, que se não é com bordão não se erguem, para beber nunca dormem, esta sua facilidade de tudo lhe parecer bem, acompanhada com a experiencia de nenhum fruto de tanto *pá*, tem quebrado os corações a muitos; dizia um de nossos irmãos, que estes eram o filho que disse no Evangelho a seu pae, que o mandava, que fosse e nunca foi (NÓBREGA, 1931, p. 231).

Nesse sentido, de acordo com Viveiros de Castro (1992), a inconstância passou a ser

um traço definidor do caráter ameríndio, consolidando-se como um dos estereótipos do imaginário nacional: o índio mal converso que, à primeira oportunidade, manda Deus, enxada e roupas ao diabo, retornando feliz à selva, presa de um atavismo incurável. A inconstância é uma constante da equação selvagem (VIVEIROS DE CASTRO, 1992, p.186-187).

Diante de uma nação de almas inconstantes, medrosas, sem fé, sem rei e sem leis, como defender a possibilidade da catequização do gentio? O caminho que Matheus Nogueira propôs para reacender a chama missionária nos ânimos de seu interlocutor se iniciava pela formulação do índio como “próximo”. Recorrendo à passagem do “bom samaritano” no Evangelho, argumenta que ser próximo é o mesmo que ser homem. Veja-se:

Nogueira: - Bem, se elles não são homens, não serão proximos; porque só os homens, e todos máus e bons, são proximos; todo homem é uma mesma natureza, e todo póde conhecer a Deus, e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer, que era proximo; prova-se no Evangelho do Samaritano, onde diz Christo Nosso Senhor, que aquelle é próximo, que usa de misericordia(NÓBREGA, 1931, p. 233).

Se os índios da América portuguesa eram, pois, como “cães e porcos” não era porque a sua natureza fosse a mesma destes: eles eram humanos, pois

---

<sup>2</sup>Neste artigo, respeito a grafia dos originais de que me valho.



possuíam as três potências básicas da alma definidas por Santo Agostinho, a saber: memória, entendimento e vontade. O que fazia deles tão bestiais, segundo Nogueira, não era a sua natureza, mas os costumes exercitados segundo o meio rude em que viviam.

Gonçalo Alves: - *Eles têm almas como nós.*

Nogueira: - Isso está claro, pois *a alma tem trespotencias, entendimento, memória e vontade, que todos têm*: eu cuidei, que vós éreis mestre, já em Israel, e vós não sabeis isso; bem parece, que as theologias, que me dizeis arriba era, e eram postigas do padre Braz Lourenço, e não vossas; quero-vos dar um desengano, meu irmão: Que tão ruim entendimento tendes vós para entender o que vos queria dizer, como este gentio, para entender as cousas de nossa fé (NÓBREGA, 1931, p. 237-238, grifos meus).

## Conclusões

Ao classificar os índios como inconstantes, os missionários o faziam tomando como referência o parâmetro cristão, católico e europeu. Essa percepção, a meu ver, é fundamental para se pensar nas representações que foram construídas a respeito da “alma brasileira” e que perduram nas classificações que se fazem hoje a respeito do diferente e da alteridade.

Portanto, o texto evidenciou que, ao reclamar da inconstância selvagem, por exemplo, os missionários não percebiam que, no fundo, os índios tentavam na verdade ser constantes, perseverantes e fiéis aos seus antigos costumes, que foram desastrosamente tachados como maus ou até mesmo diabólicos. A inconstância, ou quaisquer outras representações presentes nos textos jesuíticos precisam, por conseguinte, ser relidos à luz do sujeito da enunciação dos documentos: neste caso, o jesuíta, que interpreta o mundo sob a ótica católica. O documento escolhido para esta pesquisa informa, portanto, muito mais sobre os modos de pensar e agir do padre jesuíta do século XVI, do que sobre o nativo.

Como já foi ressaltado no início do texto, aponta-se como conclusão desse estudo que as questões destacadas aqui são fundamentais para se resgatar os fundamentos históricos a respeito da discussão da diferença e do conhecimento do outro na formação da cultura brasileira e que tais questões são fundamentais para se pensar no conceito de diversidade, inserido no campo da história da educação no Brasil.

## Referências

BAETA NEVES, Luiz Felipe. **O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios**: colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

GAMBINI, Roberto. **Espelho índio**: a formação da alma brasileira. São Paulo: AxisMundi, 2000.



Poços de Caldas

# Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 1-2 JUN 2017

HANSEN, João Adolfo. Educando príncipes no espelho. In: FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN JR., Moysés (Org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989.

LUZ, Guilherme Amaral. **Carne humana**: a retórica do canibalismo na América portuguesa quinhentista. Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

NÓBREGA, Manuel. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. **Revista de Antropologia**. São Paulo, Edusp, n. 35, p. 21-74, 1992.